

ANÁLISE DOS FATORES INFLUENCIADORES NA DECISÃO DE ESTUDAR E TRABALHAR DOS JOVENS DA CIDADE DE PORTO ALEGRE – 2000 E 2010

Gisele da Silva Ferreira
Estatística, Mestre em Economia
Analista Pesquisadora da FEE
E-mail: gisele@fee.tche.br

RESUMO

Existe uma preocupação crescente com políticas afirmativas de incentivo ao estudo por parte do governo e sociedade, ao mesmo tempo em que existe uma escassez de estudos recentes sobre que fatores influenciam o acesso à educação por parte da população e como cada fator contribui positiva ou negativamente para que o incentivo ao estudo seja garantido à população em geral. O objetivo deste estudo é analisar alguns dos fatores que contribuem para a permanência dos jovens moradores da Cidade de Porto Alegre nas instituições de ensino e dos fatores que os incentivam a ingressar no mercado de trabalho utilizando modelos estatísticos de regressão logística multinomial. Os fatores que apresentaram os efeitos mais significativos foram: o jovem ser filho ou enteado do chefe domiciliar, que aumenta significativamente as chances do jovem estudar e reduz bastante as chances dos jovens se dedicarem exclusivamente ao trabalho e o jovem ser do sexo masculino, que aumenta as chances do jovem estudar e trabalhar e principalmente dele apenas trabalhar.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho, estudo, juventude, decisões, Porto Alegre.

56

ANALYSIS OF FACTORS INFLUENCERS IN DECISION OF STUDY AND WORK OF CITY YOUTH PORTO ALEGRE - 2000 AND 2010

ABSTRACT

There is growing concern with affirmative policies to encourage the study by the government and society, while there is a lack of recent studies on what factors influence access to education for the population and how each factor contributes positively or negatively to the incentive to study is guaranteed to the general public. The objective of this study is to analyze some of the factors that contribute to the permanence of the young residents of the city of Porto Alegre in educational institutions and the factors that encourage enter the job market using statistical models of multinomial logistic regression. The factors that had the most significant effects were the young be child or stepchild of the household head, which significantly increases the chances of the young study and greatly reduces the chances of young people to devote themselves exclusively to the work and the young male sex, which increases the chances of the young study and work and mostly it just work.

KEY-WORDS: Work, study, youth, decisions, Porto Alegre.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas foram produzidos inúmeros trabalhos teóricos e empíricos acerca dos fatores que contribuem para o atraso, abandono, permanência e interrupção dos estudos. Fatores familiares, de contexto social, de infraestrutura, de qualidade do ensino, etc. são fatores que podem contribuir para desincentivar os estudos. É importante que se procure entender como e o quanto cada fator exerce influência sobre o estudo para que se possa pensar em políticas públicas mais adequadas ao combate da evasão escolar e melhora da educação.

O acesso ao Ensino Fundamental está universalizado no Brasil, mas não sua conclusão, as taxas de repetência e evasão estão subindo no Ensino Médio e a expansão do Ensino Médio estacionou (KLEIN, 2006). O acesso ao ensino fundamental está praticamente assegurado a todas as crianças e jovens em nosso país, no entanto, a abertura da escola não veio acompanhada de transformações capazes de alterar suas formas de organização e funcionamento, de assegurar condições de trabalho, salário e formação aos professores, comprometendo sua mudança qualitativa (ALMEIDA, 2002). A evasão escolar é um problema crônico no Brasil e tem sido assimilada e tolerada por escolas e sistemas de ensino, chegando ao ponto de admitirem um número mais elevado de matrículas do que o adequado, por contar com o abandono dos estudos por parte de alunos ao longo do ano letivo (DIGIÁCOMO, 2011). Segundo COSTA RIBEIRO (1991, *apud* BORUCHOVITCH, 1999) o problema mais sério no ensino do país não é a evasão escolar e sim o alto índice de repetência, pois ainda que o tempo em que muitos alunos permanecem na escola devesse ser suficiente para a conclusão do Ensino Fundamental, devido à repetência muitos desses alunos acabam completando apenas duas ou três séries escolares. O Estado não tem efetivado políticas públicas eficazes que possam garantir melhores condições de trabalho para os docentes que nela atuam (BATISTA, 2009).

A evasão escolar não é um problema apenas nos ensinos fundamental e médio no Brasil. Apesar da recente implementação de políticas nacionais de incentivo ao Ensino Superior, como o Programa Universidade para Todos (ProUni), o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e também o Financiamento Estudantil (Fies) (Brasil, 2005; Brasil, 2007; Brasil, 2001), as evasões nas Instituições de Ensino Superior (IES) também são um grave problema, difícil de ser mensurado porque os levantamentos de dados oficiais pelo governo não disponibiliza de forma explícita os números sobre a saída de alunos, apenas faz divulgação do número de alunos com acesso ao Ensino Superior não se preocupando em realizar um rastreamento do movimento do aluno dentro do sistema educacional, que proporcione condições para um estudo

aprofundado sobre evasão no Ensino Superior (BAGGI & LOPES, 2011). Uma rede internacional de pesquisa composta por onze países fez uma revisão bibliográfica de estudos sobre evasão escolar em todos os níveis de ensino para conhecer e reunir os referenciais teóricos e metodológicos, conceitos e indicadores de evasão, e verificou que no Brasil a pesquisa sobre evasão escolar no ensino técnico é praticamente inexistente, enquanto nos demais países é um tema de estudo bastante frequente (MACHADO *et al*, 2006).

Este trabalho pretende estudar como e quais características individuais, familiares e locais afetam a decisão dos jovens de interromperem os estudos ou permanecerem estudando e como afetam a decisão de ingressar no mercado de trabalho, a partir de modelos estatísticos utilizando os microdados dos Censos Demográficos do IBGE dos anos de 2000 e 2010.

A educação não está ao pleno alcance de todos os cidadãos e tanto a escola quanto a família pouco têm feito pela criança que evade (QUEIROZ, 2001), mas recentemente um estudo apontou que no período compreendido entre 1984 e 1997 foi constatado que as características familiares vieram perdendo parte de sua importância para o avanço escolar, mostrando um possível sinal de uma universalização do ensino (LEON & MENEZES-FILHO, 2001).

Apesar de que nas últimas décadas tenham sido produzidos inúmeros trabalhos teóricos e empíricos acerca dos efeitos de diversas variáveis sobre as escolhas dos indivíduos no quesito estudo, existem poucos estudos que se propõem a quantificar as influências, e os poucos pesquisadores que utilizaram métodos estatísticos a fim de quantificar os efeitos das variáveis, optaram por focar em um número reduzido de fatores. Este trabalho pretende, além de reunir os fatores analisados em diferentes estudos, quantificar seus efeitos e explorar efeitos talvez ainda não identificados. E também analisar como a influência dos fatores tem se alterado ao longo do tempo, utilizando dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010, verificando as mudanças ocorridas no período para um melhor entendimento sobre as alterações das influências dos fatores sobre o estudo ao longo do tempo, isto é, que fatores ganharam força e que fatores perderam importância nas decisões dos indivíduos em dedicar-se aos estudos no período analisado.

Estudo anterior que entrevistou alunas que interromperam seus estudos no Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) concluiu que os principais motivos que as levavam a interromperem seus estudos foram externos ao Programa: trabalho, situação econômica, cansaço, relações familiares, etc. (OLIVEIRA, 2008). Outro estudo posterior da mesma autora constatou que a oferta de uma infraestrutura para receber os filhos das estudantes, além de ser um importante incentivo à permanência das mulheres que não tem com

quem deixar o(s) filho(s) para estudar, pode ser um fator determinante para a permanência/interrupção dos estudos dessas mulheres (OLIVEIRA, 2011).

A partir dos dados obtidos do suplemento de educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2006 sobre as motivações para não estudar de alunos de 10 anos a 17 anos de idade que estavam fora da escola, os resultados apontaram que 67,7% deles alegaram como principal motivo a falta de demanda por educação e apenas 10,9% alegaram deficiências de oferta de estudo, os demais 21,7% não frequentavam a escola por outros motivos (NERI, 2009).

Um estudo de caso que pesquisou a evasão escolar em uma comunidade de pequenos produtores rurais imigrantes do norte da Alemanha para o estado do Espírito Santo constatou que para grande parte dos pais dessa comunidade a escola ensina tudo aquilo que não lhes interessa e no futuro ainda leva seus filhos para a cidade, fazendo uma equivalência entre “sair da escola” e “continuar na roça” (BAHIA, 2001).

CERATTI (2008) aplicou um questionário para alunos do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos de Nova Londrina no estado do Paraná a fim de estudar causas e consequências da evasão escolar. O questionário consistia em questões de múltipla escolha com espaço reservado para uma justificativa após cada resposta. Por trás das justificativas apresentadas nas questões, foram identificadas algumas das razões da evasão escolar. As justificativas encontravam-se repletas de explicações e desculpas, apontando medo do fracasso e do esforço, necessidade de preservação da auto-estima, dificuldade de enfrentar dificuldades, dentre outros fatores que revelaram a crença dos alunos de que as razões da evasão escolar estavam neles próprios. BARBETI (2007) apontou para o perigo dos discursos sobre a incapacidade do aluno e sua consequente evasão e fracasso escolar, que podem produzir marcas que prevalecem para além da escola, passando para suas relações familiares, modificando negativamente as percepções dos pais sobre os filhos e consequentemente o autoconceito dos filhos.

Os resultados de um estudo que pesquisou as causas da evasão escolar no ensino médio regular da rede pública do município de Maracanaú, no Ceará, aplicando um questionário aos alunos, professores e à direção de uma Escola Estadual, concluiu que tanto a direção, quanto os docentes e discentes apontam como causas para evasão escolar: a falta de incentivo da família e da escola, a necessidade de trabalhar, o excesso de conteúdos escolares e as amizades erradas (SOUSA *et al*, 2011).

Um estudo sobre evasão e repetência escolar questionou adolescentes evadidos de escolas de Ribeirão Preto, em São Paulo, e apontou a necessidade do trabalho para auxiliar no orçamento

familiar e a desmotivação pelo ensino como os fatores que mais contribuíram para o abandono escolar e repetência (CANO *et al*, 2006).

A fonoaudióloga Cláudia Alaminos (2005) deparou-se com experiências de exclusão social vividas por alguns de seus pacientes portadores de deficiências. A questão transformou-se em um tema de estudo: se a evasão escolar dos alunos pobres não poderia estar associada ao preconceito contra suas condições econômicas. Do estudo concluiu-se que os principais agentes envolvidos no processo da educação dos alunos, que são os educadores e a família, muitas vezes não enxergam a necessidade de permanência de jovens com menos condições de aprender do que os demais na escola. Assim, foi constatado que um baixo nível socioeconômico da família do estudante pode gerar um preconceito impeditivo para que o direito à educação seja desfrutado por esse aluno.

Recente estudo (TEIXEIRA, 2011) avaliou dados de criminalidade e educação nos estados brasileiros entre 2001 e 2005 e constatou que a elevação na taxa de evasão escolar contribui com o aumento da taxa de homicídios um ano mais tarde. As análises concluíram que provavelmente quando os jovens evadidos defrontam-se com problemas como o desemprego, influência negativa de gangues e baixos salários, são incentivados a conduzirem-se para o mundo do crime, ocorrendo uma consequente elevação nas taxas de criminalidade.

O objetivo geral deste estudo é verificar que fatores exercem influência sobre a “escolha”¹ do jovem em interromper os estudos ou permanecer estudando, com o intuito de fornecer informações que possam ser utilizadas para embasar políticas públicas mais assertivas na área da educação. A hipótese adotada neste trabalho é de que as características individuais, familiares e locais da vizinhança onde uma pessoa mora influenciam fortemente em suas decisões sobre estudar e interromper os estudos. Para testar-se esta hipótese será utilizada uma série de variáveis relacionadas às características individuais, familiares e locais dos lugares onde os domicílios estão localizados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS²

Num primeiro momento, através de tabelas e gráficos, o estudo pretende obter uma visão geral sobre a questão do estudo e trabalho para o jovem gaúcho e, num segundo momento, analisar os fatores apontados através dos resultados das análises dos dados, somados aos fatores já

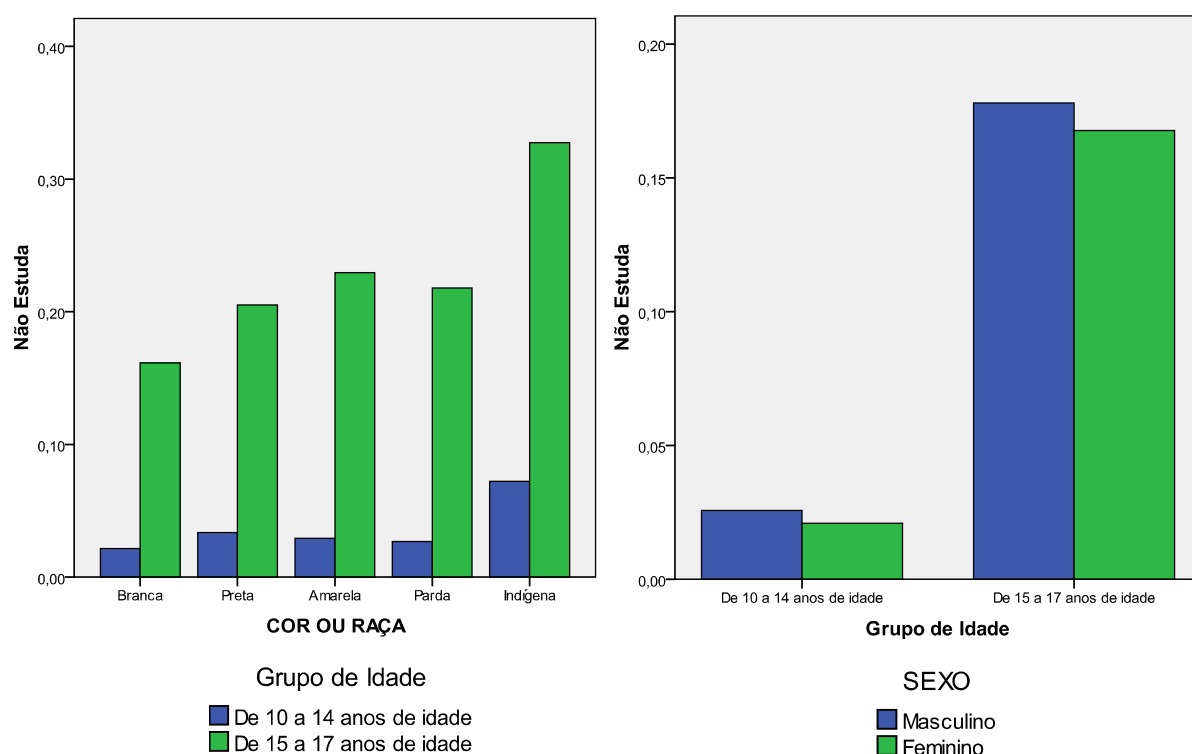
¹Neste trabalho o termo “escolha” não é utilizado em seu sentido neutro e racional da adequação de meios a fins, mas como uma decisão influenciada por diversos fatores, objetivo do presente estudo.

²Este capítulo baseia-se em GREENE (2003), HOSMER & LEMESHOW (2000) e GUJARATI (2006).

apontados como influentes em pesquisas anteriores, quantificando as influências de cada um deles sobre as situações de estudar e trabalhar do jovem residente da cidade de Porto Alegre. A intenção é analisar os efeitos dos fatores utilizando modelos estatísticos de regressão logística, agrupando os indivíduos por faixas de idade.

A Figura 1 mostra o percentual de gaúchos de 10 a 14 anos e de 15 a 17 anos de idade que não estudam, divididos por cor ou raça e sexo. Observa-se que a evasão escolar é maior entre os indivíduos do sexo masculino. Como esperado, quanto mais elevadas são as idades pesquisadas, maior é o percentual de indivíduos que não estudam. Tanto para o grupo de 10 a 14 anos quanto para o grupo de 15 a 19 anos, a raça que apresenta o maior percentual de pessoas fora da escola é a indígena e a que apresenta o menor percentual é a cor ou raça branca. Entre as pessoas de 10 a 14 anos, a segunda cor ou raça de maior percentual fora da escola é a preta, seguida da amarela. Já entre os indivíduos de 15 a 19 anos de idade, a cor ou raça que fica em segundo lugar com maior número de jovens evadidos da escola é a amarela, seguida da parda.

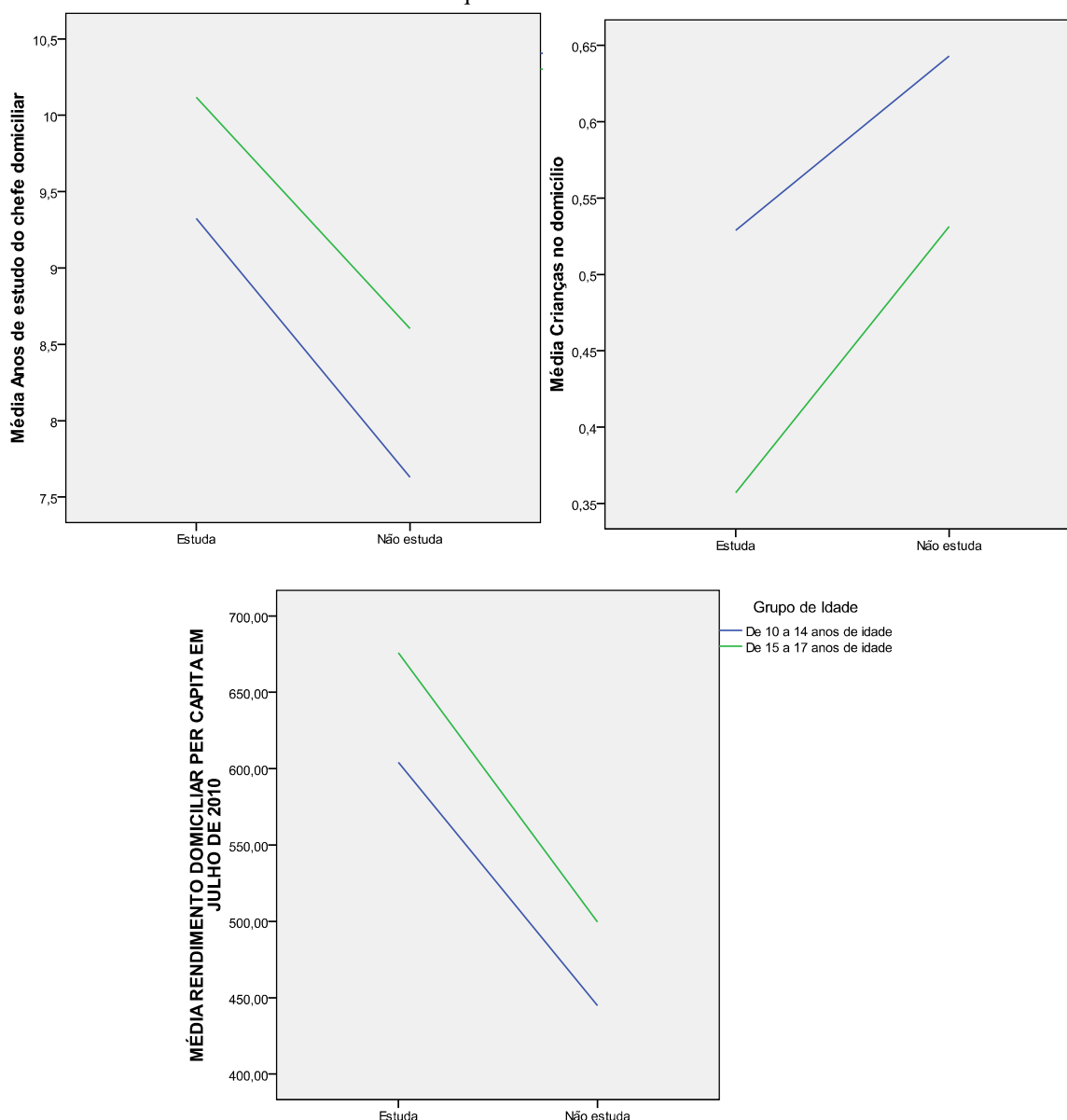
Figura 1 - Gaúchos de 10 a 14 anos e de 15 a 17 anos de idade que não estudam por cor ou raça (à esquerda) e por sexo (à direita)



Fonte: Gráficos elaborados pela autora a partir dos dados dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico do IBGE de 2010.

Os gaúchos de 10 a 17 anos de idade que não estudam residem em domicílios onde os chefes possuem menos anos de estudo, onde há mais crianças de até 8 anos de idade e onde a renda média domiciliar *per capita* é inferior, quando comparados aos domicílios dos adolescentes gaúchos que estudam (Figura 2). Os chefes dos domicílios dos gaúchos de 10 a 14 anos possuem, em média, menos anos de estudo, menor renda média domiciliar *per capita* e mais crianças de até 8 anos quando comparados aos domicílios das pessoas de 15 a 17 anos (Figura 2).

Figura 2 - Média dos anos de estudo dos chefes de domicílio, média do número de crianças no domicílio e rendimento domiciliar médio *per capita* em julho de 2010 dos gaúchos de 10 a 14 anos e de 15 a 17 anos de idade que estudam e que não estudam



Fonte: Gráficos elaborados pela autora a partir dos dados dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico do IBGE de 2010.

Os fatores identificados como possíveis influenciadores na interrupção ou permanência nos estudos terão seus efeitos testados estatisticamente. Os fatores com influência estatisticamente significativa comporão os modelos de regressão logística a fim de terem seus efeitos identificados e mensurados. O conjunto de variáveis independentes foi composto pelos fatores individuais, familiares e locais, ea variável dependente, situação de estudo e trabalho, foi composta de quatro categorias: 1) o jovem só estuda; 2) estuda e trabalha; 3) só trabalha e; 4) não estuda e não trabalha. Todas as variáveis utilizadas nas análises são oriundas dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. As análises estatísticas foram realizadas utilizando o *software SPSS*.

O modelo de regressão logística é utilizado quando a variável resposta não é contínua, que é o caso do presente estudo. Portanto, os modelos de regressão logística multinomial, também conhecidos como modelos *logit* multinomial são adequados para as análises que serão feitas nesse trabalho.

O modelo de regressão logística linear é utilizado quando a variável resultado é dicotômica ou binária (cuja resposta possui apenas duas possibilidades: falha ou sucesso). O modelo pode ser facilmente modificado para tratar do caso em que o resultado é uma variável nominal com mais de duas categorias. Neste caso o objetivo torna-se modelar as chances das categorias da variável resposta em função das variáveis independentes para expressar os resultados em termos de chances em relação às diferentes categorias. Este modelo é chamado de modelo de regressão logística multinomial ou politômica.

No modelo do presente trabalho, consideremos o estudo da escolha de uma situação dentre essas quatro: só estudar, estudar e trabalhar, só trabalhar e não estudar nem trabalhar. A variável resposta tem quatro categorias que indicam a situação estudoXtrabalho. Foram incluídas covariáveis como sexo, idade, renda, cor ou raça, anos de estudo, número de crianças no domicílio, grupo de categoria sócio-ocupacional do chefe do domicílio, distância da área de ponderação até o centro da cidade, nível socioeconômico da área de ponderação, situação urbana ou rural e se o indivíduo é filho ou enteado do chefe domiciliar, com o objetivo de modelar as chances de escolha de uma dentre as quatro situações em função das variáveis dependentes e para expressar os resultados em termos de chances em relação à escolha das diferentes situações.

Os modelos de regressão logística multinomial do presente estudo utilizarão todos os pares de situações para especificar a chance de cada situação ocorrer em relação à uma situação de referência, que para nossos modelos será a situação do jovem não estar estudando nem trabalhando. O método de ajuste utilizado na regressão logística é o *método de máxima verossimilhança*. Como o

nome sugere, consiste na estimação dos parâmetros desconhecidos (β_i) de maneira que a probabilidade de observar determinada resposta seja a maior (ou a máxima) possível.

Para a construção dos modelos de regressão utilizados nesse estudo, foi utilizado o algoritmo computacional *stepwise forward entry* para a seleção das covariáveis mais significativas para fazer parte dos modelos. Neste algoritmo inclui-se no modelo sempre a variável com maior correlação com a variável resposta. O modelo é construído iterativamente com uma sequência de adições de variáveis selecionadas de acordo com os critérios de informação de *Akaike* (AIC) e de *Schwarz* (BIC), as variáveis são selecionadas de acordo com os modelos que gerem menores valores de AIC e BIC.

RESULTADOS

Após a conclusão do Ensino Médio o indivíduo tem uma importante decisão a ser tomada, se ele deve continuar se dedicando aos estudos, trabalhando ao mesmo tempo ou não, ou se vai parar de estudar para dedicar-se exclusivamente ao trabalho ou ficar sem estudar nem trabalhar (pessoas conhecidas na literatura como os “nem-nem”).

A Tabela 1 faz a distribuição dos jovens segundo a classificação Estudo x Trabalho conforme o grupo de idade, sexo e período analisado. Comparando-se os anos 2000 e 2010 observamos que se elevou a representatividade dos grupos dos jovens que trabalham (destacado em amarelo na tabela), principalmente entre as mulheres e houve redução no grupo dos jovens que só estudam (destacado em verde na tabela), principalmente entre os jovens de 20 a 24 anos.

Tabela 1 - Distribuição dos jovens gaúchos segundo a classificação Estudo x Trabalho por grupos de idade e sexo – 2000 e 2010.

SEXO			De 15 a 19 anos		De 20 a 24 anos		Total	
			2000	2010	2000	2010	2000	2010
Masculino	ESTUDOxTRABALHO	só estuda	46,4%	45,7%	9,6%	8,3%	29,2%	27,1%
		estuda e trabalha	17,1%	19,5%	13,6%	15,7%	15,4%	17,6%
		só trabalha	21,0%	23,0%	58,7%	62,1%	38,6%	42,4%
		não estuda e não trabalha	15,6%	11,9%	18,2%	13,9%	16,8%	12,9%
		Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	ESTUDOxTRABALHO	só estuda	51,6%	51,5%	13,0%	12,1%	33,3%	31,8%
		estuda e trabalha	13,2%	17,1%	13,5%	17,6%	13,4%	17,3%
		só trabalha	11,5%	13,7%	34,3%	43,2%	22,2%	28,5%
		não estuda e não trabalha	23,7%	17,8%	39,2%	27,2%	31,0%	22,5%
		Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico do IBGE de 2000 e 2010.

A fim de mensurar como e o quanto cada característica individual, familiar e do local de moradia influencia nas decisões dos indivíduos de interromper seus estudos e permanecer estudando, foram criados dois modelos de regressão logística com a variável dependente multinomial com quatro categorias: o indivíduo só estuda, só trabalha, estuda e trabalha ao mesmo tempo e não estuda nem trabalha. Para tanto, escolheu-se analisar dois grupos de jovens, o primeiro grupo composto de jovens com idade de 15 a 19 anos e o segundo de 20 a 24 anos. A intenção é compreender os efeitos desses fatores na cidade de Porto Alegre utilizando os microdados da amostra dos censos demográficos de 2000 e 2010 divulgados pelo IBGE.

O banco de microdados amostrais do Censo Demográfico utiliza como unidades geográficas as Áreas de Expansão da Amostra (AEDs), que são construídas a partir da reunião de um conjunto de setores censitários respeitando os critérios de contiguidade, limites municipais e áreas de ponderação com no mínimo 400 domicílios ocupados na amostra.

Supõe-se que variáveis como sexo, se o jovem é filho ou enteado do chefe do domicílio, raça, educação dos pais, renda *per capita* do domicílio, entre outras, influenciam também na escolha dos jovens estudarem e/ou trabalharem. Todas estas variáveis participam do modelo de regressão logística multinomial para que cada efeito possa ser medido e quantificado sobre a variável resposta.

65

As variáveis independentes que tiveram seus efeitos testados nos modelos de regressão logística multinomial para cada aglomeração e grupo de idade podem ser divididas em três grandes grupos, o primeiro composto das características individuais dos jovens, o segundo de características familiares e o terceiro de características do local de moradia (Tabela 2).

As características individuais dos indivíduos foram analisadas num primeiro momento a partir de quatro variáveis: 1) se o jovem é do sexo masculino; 2) se o jovem é pardo ou preto; 3) a idade em anos completos e; 4) se o jovem é filho ou enteado do chefe do domicílio. A variável que apontava se o jovem era pardo ou preto não apontou influência significativa em nenhum dos modelos analisados, então foi substituída por outra variável que indicava se o jovem era branco, que também não foi significativa e, portanto, ambas foram retiradas dos modelos.

As características da família dos jovens foram estudadas a partir de quatro variáveis: 1) anos de estudo completos do chefe do domicílio; 2) rendimento domiciliar *per capita*; 3) número de crianças de até 8 anos de idade moradoras do domicílio e; 4) grupo de categoria sócio-ocupacional do chefe do domicílio. A variável renda domiciliar *per capita* não apresentou influência significativa em nenhum dos modelos logísticos analisados, porque a mudança de poucas unidades

de real na variável explicativa não é suficiente para diferenciar as situações de estudo e trabalho dos jovens, então foi dividida por 1000 e testada novamente. Desta vez apresentou resultados bastante significativos e foi incorporada nos modelos logísticos como “renda domiciliar *per capita* em unidades de mil reais”.

Tabela 2 - Variáveis analisadas para a construção dos modelos

GRUPOS	VARIÁVEIS	DESCRIÇÃO
Situação	Estudo x trabalho	Indica se o jovem encontra-se ou não estudando e/ou trabalhando.
Características individuais	Sexo masculino	Indica se o jovem é do sexo masculino.
	Cor parda ou preta	Indica se o jovem é pardo ou preto.
	Idade	Idade em anos completos do jovem.
	Filho ou enteado	Indica se o jovem é filho ou enteado do chefe do domicílio.
	Cor branca	Indica se o jovem é branco.
Características familiares	Anos de estudo	Anos de estudo completos do chefe do domicílio.
	Renda	Renda domiciliar <i>per capita</i>
	Crianças	Número de crianças de até 8 anos no domicílio.
	Grupo CAT	Grupo de categoria sócio-ocupacional do chefe do domicílio.
Carac. do local de moradia	Dist AED	Distância do centro da área de ponderação até o centro da cidade.
	NSE AED	Nível socioeconômico da área de ponderação.
	Área Urbana	Indica se a área é urbana.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico do IBGE de 2000 e 2010.

Para a construção do grupo de categoria sócio-ocupacional foi utilizada uma estratificação social baseada em dados censitários que permitiu a construção de uma hierarquia sócio-ocupacional que se aproxima da estrutura social (BOURDIEU, *apud* MAMMARELLA; BARCELLOS, 2001). Essa hierarquização foi construída pela equipe do Observatório das Metrópoles e resultou em 24 categorias sócio-ocupacionais agregadas em oito grupos: dirigentes, profissionais de nível superior, pequenos empregadores, ocupações médias, trabalhadores do terciário especializado, trabalhadores do secundário, trabalhadores do terciário não especializado e agricultores (RIBEIRO; RIBEIRO, 2011). As categorias sócio-ocupacionais foram produzidas para o universo populacional economicamente ativo que exercia qualquer atividade, formal ou informal, conforme informações presentes nos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (IBGE, 2001, 2011). A construção das 24 categorias sócio-ocupacionais contou com um trabalho técnico da equipe do Observatório das Metrópoles de adequação e compatibilização das variáveis censitárias utilizadas para a garantia da comparabilidade entre o início e fim da década analisada, devido a alterações técnicas e conceituais

no Questionário da Amostra do Censo Demográfico³. Os oito grupos formados da agregação das 24 categorias ocupacionais construídas podem ser utilizados para caracterizar quatro classes sociais⁴: uma classe dominante formada por dirigentes e intelectuais (profissionais de nível superior), uma classe média constituída de pequenos empregadores e trabalhadores de ocupações médias, uma classe popular composta de trabalhadores do setor terciário especializado, secundário e terciário não especializado e outra de agricultores (Tabela 3).

Tabela 3 - Classes sociais e frações de classes segundo as categorias sócio-ocupacionais

CLASSES SOCIAIS	FRAÇÕES DE CLASSES	CATEGORIAS SÓCIO-OCUPACIONAIS
Classe dominante	Dirigentes	Grandes empregadores Dirigentes do setor público Dirigentes do setor privado
	Intelectuais (Profissionais de nível superior)	Profissionais autônomos de nível superior Profissionais empregados de nível superior Profissionais estatutários de nível superior Professores de nível superior
Classe média	Pequenos empregadores	Pequenos empregadores
	Ocupações médias	Ocupações de escritórios Ocupações de supervisão Ocupações técnicas Ocupações médias da saúde e educação Ocupações da segurança pública, justiça e correios Ocupações artísticas e similares
Classe popular	Trabalhadores do setor terciário especializado	Trabalhadores do comércio Prestadores de serviços especializados
	Trabalhadores do setor secundário	Trabalhadores da indústria moderna Trabalhadores da indústria tradicional Trabalhadores dos serviços auxiliares Trabalhadores da construção civil
	Trabalhadores do setor terciário não especializado	Prestadores de serviços não especializados Trabalhadores domésticos Ambulantes e catadores
	Agricultores	Agricultores

Fonte: RIBEIRO; RIBEIRO (2011) e RIBEIRO (2012).

A visão em classes sociais nos permite uma melhor visualização da influência que a ocupação dos chefes de domicílio exerce sobre a situação do jovem. Considerando a divisão dos jovens de 15 a 24 anos em classes sociais segundo a categoria sócio-ocupacional da ocupação dos chefes de domicílios frente às suas escolhas de EstudarXTrabalhar (Tabela 4) percebemos que: 1) os jovens que só estudam destacam-se na classe dominante; 2) os jovens que estudam e trabalham

³ Para uma explicação mais detalhada sobre essas alterações técnicas e conceituais, consultar MAMMARELLA; PESSOA; FERREIRA; TARTARUGA; 2015.

⁴ Baseadas em RIBEIRO (2012), mas com as atualizações trabalhadas pela equipe do Observatório das Metrópoles para os dados do Censo Demográfico de 2010.

destacam-se na classe média; 3) os jovens que só trabalham destacam-se na classe popular e; 4) os jovens que não estudam nem trabalham destacam-se na classe agrícola.

Tabela 4 - Situação dos jovens segundo a classe social – 2010

"Classe social"	Situação dos jovens			
	Só estudam	Estudam e trabalham	Só trabalham	Não estudam nem trabalham
Agrícola	14,62%	11,12%	14,59%	19,58%
Popular	52,05%	51,88%	61,40%	60,08%
Média	22,15%	26,73%	19,64%	15,65%
Dominante	11,18%	10,27%	4,36%	4,68%

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico do IBGE de 2010.

Foram analisadas três variáveis de características do local de moradia para a construção dos modelos: 1) distância do centroide de cada área de ponderação até o centroide da cidade; 2) nível socioeconômico da área de ponderação e; 3) variável indicadora de área urbana. Essa última foi retirada do estudo por não apresentar efeito significativo em nenhum dos modelos testados. As distâncias dos centroides foram obtidas através do *software* ArcGis e foram utilizadas para medir a distância média da casa do jovem até o centro da cidade onde ele reside. Foram calculadas as distâncias do ponto central de cada AED até o ponto central da AED Centro de Porto Alegre. Primeiramente a variável foi testada medindo as distâncias em metros, mas não apresentou efeito significativo nos modelos e foi trocada por outras duas utilizando metros e graus decimais, que apresentaram efeitos bastante significativos sobre a variável dependente “situação de estudo e trabalho do jovem”. O nível socioeconômico de cada AED foi calculado a partir da renda média domiciliar *per capita* da AED e da média por AED dos anos de estudo dos chefes de domicílio

A seguir serão apresentadas as influências dos fatores analisados sobre a situação de estudo e trabalho dos jovens, encontradas e quantificadas através da regressão logística multinomial para os jovens de 15 a 24 anos residentes em Porto Alegre em 2000 e em 2010 (Tabelas 5 e 6).

Quanto mais distante do centro, mais chances o jovem de Porto Alegre de 15 a 19 anos tinha, em 2000, de permanecer apenas estudando, e em 2010, mais chances ele tinha de trabalhar (estudar e trabalhar e principalmente só trabalhar). Já o jovem residente de Porto Alegre de 20 a 24 anos, quanto mais longe do centro fosse sua residência em 2000, menores suas chances de só trabalhar, menores ainda suas chances de só estudar, menores ainda suas chances de conciliar

estudos e trabalho e mais chances tinha de não estudar nem trabalhar; já em 2010, quanto mais distante do centro, maiores suas chances de só trabalhar e maiores ainda suas chances de só estudar. O residir longe do centro, em 2000 dificultava o trabalho do jovem de Porto Alegre, enquanto em 2010 facilita seus estudos e trabalho.

Os resultados encontrados neste estudo a respeito do efeito da vizinhança sobre as escolhas de estudar e trabalhar dos jovens são similares aos resultados verificados em estudos semelhantes realizados na cidade do Rio de Janeiro (SALATA; 2010 e SANT'ANNA; SALATA; 2009). Os resultados obtidos para a cidade do Rio de Janeiro e para a cidade de Porto Alegre mostraram que quanto maior o nível socioeconômico da vizinhança do jovem, maior sua probabilidade de só estudar (resultados obtidos com os dados de 2000 em ambas as cidades) e menor sua probabilidade de interromper os estudos (em Porto Alegre com os dados de 2010 para os jovens de 20 a 24 anos). Para os jovens entre 20 e 24 anos quanto maior o nível socioeconômico da vizinhança, menor a probabilidade de só trabalhar, maior a probabilidade de estudar e trabalharem maior ainda a probabilidade de só estudar. Para os jovens entre 20 e 24 anos quanto maior a distância física da residência ao centro da cidade também menor as chances de dividir o tempo entre estudo e trabalho (resultados obtidos para ambas as cidades com os dados de 2000).

Em estudo anterior (SILVA, N. de D. V; KASSOUF, A. L.; 2002) foram encontrados resultados similares para os jovens brasileiros sobre o efeito de variáveis de escolaridade do chefe de família e idade do jovem. Os resultados encontrados para os jovens brasileiros apontaram que a escolaridade do chefe de família mostrou-se muito importante na decisão dos jovens de 15 a 24 anos estudarem, independentemente de trabalharem ou não. Resultado semelhante ao encontrado no presente estudo através da variável “anos de estudo do chefe do domicílio”. O mesmo estudo concluiu que o aumento da idade do jovem contribui para aumentar a probabilidade dos jovens de 15 a 24 anos se dedicarem exclusivamente ao trabalho, mesmo resultado apresentado para os jovens da Capital Gaúcha.

As variáveis que apresentaram efeito médio mais significativo nos modelos ajustados, tanto para os jovens de 15 a 19 quanto para os de 20 a 24 anos de idade, foram “filho ou enteado do chefe do domicílio” e “sexo masculino”. Os modelos ajustados indicaram que ser filho ou enteado do chefe domiciliar aumenta muito as chances do jovem de 15 a 19 anos estudar e trabalhar ao mesmo tempo, aumenta ainda mais as chances do jovem apenas estudar e diminui muito as chances do jovem só trabalhar. Para o jovem de 20 a 24 anos, ser filho ou enteado do chefe do domicílio, em 2000, aumentava suas chances de estudar (estudar e trabalhar e principalmente só estudar), já em

2010, reduz as chances do jovem trabalhar (estudar e trabalhar e principalmente só trabalhar). O jovem ser do sexo masculino, em geral, aumentou bastante as chances do jovem estudar e trabalhar e aumentou ainda mais as chances do jovem só trabalhar.

Tabela 5 – Razão de chances das variáveis explicativas do modelo ajustado para a situação de estudo e trabalho dos jovens de 15 a 19 anos de Porto Alegre – 2000 e 2010

Situação de estudo e trabalho ¹		2000		2010	
		Razão de chances ²	Chance	Razão de chances ²	Chance
Estuda e trabalha	Sexo masculino	1,778	77,8% maior	1,3	30% maior
	Idade	0,879	12,1% menor	0,867	13,3% menor
	Renda dom pc (mil)	1,251	25,1% maior	0,952	4,8% menor
	Anos de estudo chefe dom	1,076	7,6% maior	1,087	8,7% maior
	Número crianças no dom	0,755	24,5% menor	0,708	29,2% menor
	Grupo cat sócio-ocupacional chefe dom	1,037	3,7% maior	1,037	3,7% maior
	Distância AED até o centro			1,374	37,4% maior
	Nível socioeconômico AED	1,047	4,7% maior	1,158	15,8% maior
	Filho ou enteado chefe dom	2,461	146,1% maior	1,378	37,8% maior
Só estuda	Sexo masculino	1,236	23,6% maior	1,115	11,5% maior
	Idade	0,503	49,7% menor	0,451	54,9% menor
	Renda dom pc (mil)	1,259	25,9% maior	0,975	2,5% menor
	Anos de estudo chefe dom	1,106	10,6% maior	1,19	19% maior
	Número crianças no dom	0,74	26% menor	0,734	26,6% menor
	Grupo cat sócio-ocupacional chefe dom	1,142	14,2% maior	1,049	4,9% maior
	Distância AED até o centro	1,017	1,7% maior		
	Nível socioeconômico AED	1,079	7,9% maior		
	Filho ou enteado chefe dom	4,816	381,6% maior	3,262	226,2% maior
Só trabalha	Sexo masculino	3,17	217% maior	2,004	100,4% maior
	Idade	1,403	40,3% maior	1,462	46,2% maior
	Renda dom pc (mil)	1,205	20,5% maior		
	Anos de estudo chefe dom			0,967	3,3% menor
	Número crianças no dom	0,935	6,5% menor	0,91	9% menor
	Grupo cat sócio-ocupacional chefe dom	0,957	4,3% menor		
	Distância AED até o centro			1,844	84,4% maior
	Nível socioeconômico AED	1,028	2,8% maior		
	Filho ou enteado chefe dom	0,748	25,2% menor	0,571	42,9% menor

¹ A categoria de referência é: não estuda nem trabalha.

² Em cinza: razão de chances não sig. ao nível 0,05 de significância.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico do IBGE de 2000 e 2010.

Os modelos ajustados apontaram que quanto mais velho o jovem é, mais chances ele tem de só trabalhar e menos chances de só estudar.

A renda domiciliar *per capita* mais elevada, influenciou positivamente os jovens a estudarem e trabalharem, só estudarem e só trabalharem, com exceção dos jovens de 15 a 19 anos em 2010, que apresentaram menos chances de estudar e trabalhar e de só estudar com o aumento da renda domiciliar *per capita*.

Quanto mais anos de estudo do chefe domiciliar, maiores as chances do jovem só estudar e do jovem estudar e trabalhar.

Quanto mais crianças no domicílio, menores as chances do jovem só trabalhar e menores ainda as chances do jovem estudar (só estudar e estudar e trabalhar).

Quanto mais elevado o grau da categoria sócio-ocupacional (explicações metodológicas em MAMMARELLA, 2015) do chefe de domicílio, maiores as chances do jovem estudar (só estudar e estudar e trabalhar) e menores as chances do jovem só trabalhar.

O nível socioeconômico da área de ponderação, em geral, aumenta as chances do jovem só estudar e reduz as chances do jovem só trabalhar.

Tabela 6 – Razão de chances das variáveis explicativas do modelo ajustado para a situação de estudo e trabalho dos jovens de 20 a 24 anos de Porto Alegre – 2000 e 2010.

Situação de estudo e trabalho ¹		2000		2010	
		Razão de chances ²	Chance	Razão de chances ²	Chance
Estuda e trabalha	Sexo masculino	2,364	136,4% maior	1,793	79,3% maior
	Idade	0,9	10% menor		
	Renda dom pc (mil)	1,262	26,2% maior	1,283	28,3% maior
	Anos de estudo chefe dom	1,117	11,7% maior	1,145	14,5% maior
	Número crianças no dom	0,495	50,5% menor	0,555	44,5% menor
	Grupo cat sócio-ocupacional chefe dom	1,074	7,4% maior	1,098	9,8% maior
	Distância AED até o centro	0,968	3,2% menor		
	Nível socioeconômico AED	1,028	2,8% maior	1,165	16,5% maior
	Filho ou enteado chefe dom	1,653	65,3% maior	0,829	17,1% menor
Só estuda	Sexo masculino	1,592	59,2% maior	1,164	16,4% maior
	Idade	0,748	25,2% menor	0,804	19,6% menor
	Renda dom pc (mil)	1,299	29,9% maior	1,263	26,3% maior
	Anos de estudo chefe dom	1,128	12,8% maior	1,128	12,8% maior
	Número crianças no dom	0,675	32,5% menor	0,767	23,3% menor
	Grupo cat sócio-ocupacional chefe dom	1,203	20,3% maior	1,216	21,6% maior
	Distância AED até o centro	0,984	1,6% menor	1,326	32,6% maior
	Nível socioeconômico AED	1,053	5,3% maior	1,926	92,6% maior
	Filho ou enteado chefe dom	4,152	315,2% maior	1,994	99,4% maior
Só trabalha	Sexo masculino	3,892	289,2% maior	2,306	130,6% maior
	Idade	1,116	11,6% maior	1,155	15,5% maior
	Renda dom pc (mil)	1,281	28,1% maior	1,258	25,8% maior
	Anos de estudo chefe dom			1,029	2,9% maior
	Número crianças no dom	0,8	20% menor	0,852	14,8% menor
	Grupo cat sócio-ocupacional chefe dom			0,977	2,3% menor
	Distância AED até o centro	0,991	0,9% menor	1,153	15,3% maior
	Nível socioeconômico AED			0,909	9,1% menor
	Filho ou enteado chefe dom	0,626	37,4% menor	0,425	57,5% menor

¹ A categoria de referência é: não estuda nem trabalha.

² Em cinza: razão de chances não sig. ao nível 0,05 de significância.

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico do IBGE de 2000 e 2010.

Comparando-se as influências das variáveis para os jovens de Porto Alegre 15 a 19 anos em 2000 com os efeitos das variáveis em 2010, podemos destacar: 1) um aumento da influência da idade nas situações de estudo e trabalho, quanto mais idade, menores as chances do jovem estudar e trabalhar, menores ainda as chances do jovem só estudar e maiores as chances do jovem só trabalhar; 2) a influência do sexo reduziu muito, mas continuando a influenciar da mesma forma: o jovem ser do sexo masculino aumenta muito as chances dele estudar e trabalhar e aumenta mais ainda as chances dele só trabalhar; 3) elevou-se a influência dos anos de estudo sobre a situação de estudo e trabalho do jovem; 4) o número de crianças no domicílio continuou exercendo influência

negativa sobre os estudos do jovem (quanto mais crianças no domicílio menores as chances do jovem só estudar e estudar e trabalhar); 5) o grupo de categoria sócio-ocupacional do chefe do domicílio continuou exercendo influência semelhante (quanto mais elevado o grupo de categoria sócio-ocupacional do chefe domiciliar, mais chances o jovem possui de estudar e menos chances de só trabalhar); 6) o nível socioeconômico da área de ponderação da moradia do jovem sobre a sua situação de estudo e trabalho em 2000, quanto mais elevado fosse, maiores as chances do jovem estudar e trabalhar (só trabalhar, estudar e trabalhar e principalmente só estudar), já em 2010, quanto mais elevado o nível socioeconômico da área de ponderação da residência do jovem, maiores suas chances de estudar e trabalhar ao mesmo tempo, não exercendo influência significativa sobre a situação de exclusivamente estudar ou trabalhar; 7) a variável “filho ou enteado do chefe de domicílio” apresentou redução em sua influência para os jovens que estudam (os que estudam e trabalham ao mesmo tempo e os que só estudam) e apresentou aumento na influência para os jovens que só trabalham (isto é, ser filho ou enteado do chefe de domicílio diminui ainda mais em 2010 as chances do jovem só trabalhar).

Comparando-se as influências das variáveis para os jovens da RMPA de 20 a 24 anos em 2000 com os efeitos das variáveis em 2010, podemos destacar: 1) a influência do sexo reduziu muito, mas continuando a influenciar da mesma forma: o jovem ser do sexo masculino aumenta muito as chances dele estudar e trabalhar e aumenta ainda mais as chances dele só trabalhar; 2) elevou-se a influência dos anos de estudo sobre a situação de estudo e trabalho do jovem; enquanto em 2000 quanto mais anos de estudo do chefe domiciliar, maiores as chances do jovem estudar e trabalhar e maiores chances ainda do jovem só estudar, em 2010, quanto mais anos de estudo do chefe do domicílio, mais chances do jovem só trabalhar, mais chances também do jovem só estudar e maiores ainda são as chances do jovem estudar e trabalhar; 3) o número de crianças no domicílio apresentou uma leve redução em sua influência negativa sobre os estudos do jovem (quanto mais crianças no domicílio menores as chances do jovem só estudar e menores ainda as chances do jovem estudar e trabalhar); 4) o grupo de categoria sócio-ocupacional do chefe do domicílio continuou exercendo influência semelhante (quanto mais elevado o grupo de categoria sócio-ocupacional do chefe domiciliar, mais chances o jovem possui de estudar e trabalhar e principalmente mais chances de só estudar), mas não apresentou influência significativa para os jovens que só trabalhavam em 2000; 5) tanto em 2000 quanto em 2010, quanto mais elevado o nível socioeconômico da área de ponderação da residência do jovem, menores são suas chances de só trabalhar; e maiores são suas chances de só estudar; 6) a variável “filho ou enteado do chefe de

domicílio” apresentou redução em sua influência para os jovens que só estudam (ser filho ou enteado do chefe do domicílio aumenta as chances do jovem só estudar, mas o aumento nas chances em 2000 era superior ao aumento nas chances em 2010), apresentou inversão na influência sobre o jovem estudar e trabalhar ao mesmotempo (em 2000, o jovem ser filho ou enteado do chefe domiciliar aumentava suas chances de estudar e trabalhar ao mesmo tempo, enquanto em 2010, ser filho ou enteado do chefe do domicílio reduz as chances do jovem estudar e trabalhar ao mesmo tempo) e apresentou aumento na influência para os jovens que só trabalham (ser filho ou enteado do chefe de domicílio diminui ainda mais em 2010 as chances do jovem só trabalhar).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho obteve êxito em apresentar e também quantificar os efeitos individuais, familiares e de vizinhança sobre a decisão de estudo e trabalho dos jovens moradores da Capital do Rio Grande do Sul, fazendo comparações entre as diferentes influências que esses fatores exercem em 2010 e exerciam no ano de 2000. Os efeitos de algumas variáveis já eram esperados, como as variáveis que apresentaram os efeitos mais significativos do estudo: o jovem ser filho ou enteado do chefe domiciliar, que aumenta significativamente as chances do jovem estudar e reduz bastante as chances dos jovens se dedicarem exclusivamente ao trabalho e o jovem ser do sexo masculino, que mostrou aumentar as chances do jovem estudar e trabalhar e mais ainda dele apenas trabalhar.

Outra variável que apresentou efeito bastante esperado foi a idade do jovem, que quanto mais elevada aumenta as chances do jovem trabalhar e reduz suas chances de só estudar, consequência da transição natural do jovem da escola para o mercado de trabalho. As demais variáveis tiveram seus efeitos estudados e mensurados a fim de ampliarem os conhecimentos a respeito de suas influências, não tão óbvias quanto as primeiras.

Os resultados do estudo revelaram que quanto mais elevada a renda domiciliar *per capita* do jovem, menores as chances dos jovens não estudarem nem trabalharem.

Quanto mais anos de estudo do chefe domiciliar, maiores as chances do jovem só estudar e do jovem estudar e trabalhar.

Quanto mais crianças no domicílio, menores as chances do jovem só trabalhar e menores ainda as chances do jovem estudar (só estudar e estudar e trabalhar).

Quanto mais elevado o grupo de categoria sócio-ocupacional do chefe domiciliar, maiores as chances do jovem estudar (só estudar e estudar e trabalhar) e menores as chances do jovem só trabalhar.

Os resultados das análises apontaram que residir longe do centro, em 2000, dificultava o ingresso no mercado de trabalho para o jovem de Porto Alegre, enquanto em 2010 aumenta suas chances de estudar e de trabalhar e quanto mais elevado é o nível socioeconômico da vizinhança do jovem, maiores são suas chances de apenas estudar e menores suas chances de só trabalhar.

Espera-se que este trabalho possa estimular e auxiliar outros pesquisadores a aprofundarem a análise dos fatores que influenciam as escolhas de estudar e trabalhar do jovem, testando os efeitos de outras diferentes variáveis oriundas de bancos de dados diversos, espera-se também que o presente estudo oriente e incentive semelhantes análises aplicadas a outras regiões ou com distintos bancos de dados e que possa servir para orientar e embasar políticas públicas para os jovens de incentivo ao estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMINOS, Cláudia. **Evasão escolar na adolescência: necessidade ou ideologia**. Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente, 2005.

ALMEIDA, Maria Isabel de. **Ações organizacionais e pedagógicas dos sistemas de ensino: políticas de inclusão**. 2002.

BAGGI, Cristiane Aparecida dos Santos; LOPES, Doraci Alves. **Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica**. 2011.

BAHIA, Joana. A "lei da vida": confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 69-82, 2001.

BARBETI, Renato de Souza. A evasão escolar e seus significados para alunos, professores e família. **5ª Mostra Acadêmica UNIMEP**. Universidade Metodista de Piracicaba, 2007.

BATISTA, Santos Dias; SOUZA, Alesxsandra Matos; OLIVEIRA, Júlia Mara da Silva. A evasão escolar no ensino médio: um estudo de caso. **Revista Profissão Docente**, UNIUBE. Uberaba/MG, 2009.

BORUCHOVITCH, Evely. **Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional**. 1999.

BRASIL. LEI No 10.260, DE 12 DE JULHO DE 2001. Dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior e dá outras providências. Brasília, DF, Senado, 2001.

BRASIL. LEI No 11.096, DE 13 DE JANEIRO DE 2005. Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI. Brasília, DF, Senado, 2005.

BRASIL. Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. DECRETO Nº 6.096, DE 24 DE ABRIL DE 2007.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças, C.; MENDONÇA, Mônica Luis. Repetência e evasão escolar de adolescentes em Ribeirão Preto-SP: uma primeira abordagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 1, n. 1, 2006.

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. **Evasão escolar, causas e consequências**. Curitiba/PR, 2008.

DIGIÁCOMO, Murillo José. **Evasão escolar**: não basta comunicar e as mãos lavar. V. 23, n. 11, p. 2012, 2011.

GREENE, W. H. **Econometric Analysis**. 5.ed. New York. Prentice Hall, 2003.

GUJARATI, D. N. **Econometria básica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

HOSMER, D. W.; LEMESHOW, S. **Applied Logistic Regression, Second Edition**. New York: John Wiley& Sons, 2000.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**: Características da População: Resultados da Amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Dados da Amostra. Rio de Janeiro, 2011.

KLEIN, Ruben. **Como está a educação no Brasil? O que fazer?** Ensaio: avaliação de políticas públicas na educação, Rio de Janeiro, v.14, n.51, p. 139-172, 2006.

LEON, Fernanda Leite Lopez de; MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. **Reprovação, avanço e evasão escolar no Brasil**. Cultura, v. 1998, n. 1999, 2001.

MACHADO, Marcela; MOREIRA, R. L.; PRISCILA, R. Educação profissional no Brasil, evasão escolar e transição para o mundo do trabalho. **I Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar**, 2006.

MAMMARELLA, R, BARCELLOS, T. M. de. Questões teóricas e metodológicas na pesquisa recente sobre as grandes cidades: notas para reflexão. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, FEE, v.22, n.2, 2001, p.248-269.

MAMMARELLA, R.; PESSOA, M. L.; FERREIRA, G. DA S.; TARTARUGA, I.G.P. Estrutura Social e Organização Social do Território: Região Metropolitana de Porto Alegre – 1980-2010. In: FEDOZZI, L., SOARES, P.R.R. (Editores). **Porto Alegre**: Transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro, Observatório das Metrópoles; Letra Capital, 2015. p.133-185.

NERI, Marcelo et al. **Motivos da evasão escolar**. Brasília: Fundação Getulio Vargas, 2009.

OLIVEIRA, Paula Cristina Silva de; EITERER, Carmem Lúcia. **Evasão escolar de alunos trabalhadores na EJA**. Faculdade de educação/UFMG, 2008.

OLIVEIRA, Paula Cristina Silva de; **Alfabetizando/as na EJA**: as razões da permanência nos estudos. Diss. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um estudo sobre a evasão escolar**: para se pensar na inclusão escolar. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPAD), 2001.

RIBEIRO, L. C. Q.; RIBEIRO, M. G. **Análise social do espaço urbano-metropolitano**: Fundamentos teórico-metodológicos e descrição dos procedimentos técnicos. INSTITUTOS NACIONAIS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – CNPq – E OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. Rio de Janeiro, 2011.

RIBEIRO, M. G. **Educação, Estrutura Social e Segmentação Residencial do Território Metropolitano**: Análise das Desigualdades de Renda do Trabalho em Regiões Metropolitanas do Brasil. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SALATA, A.R. **Estudar x trabalhar**: as influências do local de moradia sobre as escolhas dos jovens no município do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

SANT'ANNA, M. J. G.; SALATA, A. R. Espaço urbano e desigualdade social: efeito vizinhança e oportunidades educacionais. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009, Rio de Janeiro. **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2009.

SILVA, N. de D. V.; KASSOUF, A. O trabalho e a escolaridade dos brasileiros jovens. **Anais do XIII Encontro da ABEP**. Ouro Preto: ABEP, 2002.

SOUSA, Antonia de Abreu *et al.* **Evasão escolar no ensino médio**: velhos ou novos dilemas? *Vértices*, v. 13, n. 1, p. 25-36, 2011.

TEIXEIRA, E. C. **Dois ensaios acerca da relação entre criminalidade e educação**. Tese (Doutorado em Economia Aplicada)-Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ, Piracicaba, SP, 2011.

Recebido em: 29/04/2015
Aceito em: 09/07/2015

APÊNDICE– MODELOS AJUSTADOS E TESTES ESTATÍSTICOS

Jovens de 15 a 19 anos – Porto Alegre (2000)

Case Processing Summary

	N	Marginal Percentage
Estudo e trabalho nominal		
ESTUDA E TRABALHA	1.34416217E4	14.7%
NESTUDA NTRABALHA	1.35537286E4	14.8%
SO ESTUDA	5.26549114E4	57.7%
SO TRABALHA	1.16379038E4	12.7%
Valid	9,12881655E4	100,0%
Missing	3,38608345E4	
Total	1,25149000E5	
Subpopulation	9002 ^a	

a. The dependent variable has only one value observed in 2686 (99,9%) subpopulations.

Parameter Estimates

Estudo e trabalho nominal ^a	B	Std. Error	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% Confidence	
							LowerBo	UpperBo
ESTUDA	Intercept	,249	,190	1,730	1	,188		
E_TRA	SEXO MASCULINO	,575	,026	491,899	1	,000	1,778	1,690 1,870
BALHA	V6036	-,129	,010	160,524	1	,000	,879	,862 ,897
	V6531_1000	,224	,030	57,074	1	,000	1,251	1,181 1,326
	ANOESTUDO CHEFEDOM	,073	,004	339,421	1	,000	1,076	1,068 1,084
	CRIANCA DOM	-,282	,016	303,646	1	,000	,755	,731 ,779
	grupocat chefedom maximum	,037	,011	11,832	1	,001	1,037	1,016 1,059
	DIST_AED	,001	,004	,150	1	,699	1,001	,994 1,008
	NSE_AED	,046	,004	114,335	1	,000	1,047	1,038 1,055
	Filho enteado resp dom	,901	,032	807,805	1	,000	2,461	2,313 2,619
SO_EST	Intercept	9,592	,160	3591,253	1	,000		
UDA	SEXO_MASCULINO	,212	,022	89,188	1	,000	1,236	1,183 1,291
	V6036	-,687	,009	6091,589	1	,000	,503	,495 ,512
	V6531_1000	,230	,029	63,739	1	,000	1,259	1,190 1,332
	ANOESTUDO_CHEFEDOM	,101	,003	857,206	1	,000	1,106	1,099 1,114
	CRIANCA_DOM	-,301	,013	538,559	1	,000	,740	,722 ,759
	grupocat_chefedom_maximum	,133	,009	204,924	1	,000	1,142	1,122 1,163
	DIST_AED	,017	,003	33,394	1	,000	1,017	1,011 1,023
	NSE_AED	,076	,004	402,268	1	,000	1,079	1,071 1,087
	Filho_enteado_resp_dom	1,572	,027	3270,315	1	,000	4,816	4,563 5,082
SO_TRA	Intercept	-6,671	,216	953,001	1	,000		
BALHA	SEXO_MASCULINO	1,154	,027	1794,111	1	,000	3,170	3,005 3,344
	V6036	,338	,012	864,024	1	,000	1,403	1,371 1,435
	V6531_1000	,187	,033	32,922	1	,000	1,205	1,131 1,285
	ANOESTUDO_CHEFEDOM	-,007	,004	3,225	1	,073	,993	,985 1,001
	CRIANCA_DOM	-,067	,015	20,125	1	,000	,935	,908 ,963
	grupocat_chefedom_maximum	-,044	,011	15,193	1	,000	,957	,936 ,978
	DIST_AED	,006	,004	3,437	1	,064	1,007	1,000 1,013
	NSE_AED	,028	,005	36,008	1	,000	1,028	1,019 1,037
	Filho_enteado_resp_dom	-,291	,028	105,561	1	,000	,748	,707 ,790

a. The referencecategoryis: NESTUDA NTRABALHA.

Jovens de 20 a 24 anos – Porto Alegre (2000)

Case Processing Summary

	N	Marginal Percentage
Estudo e trabalho nominal		
ESTUDA E TRABALHA	1.83045126E4	20.6%
NESTUDA NTRABALHA	1.75839719E4	19.8%
SO ESTUDA	1.39045971E4	15.6%
SO TRABALHA	3.90781831E4	44.0%
Valid	8,88712647E4	100,0%
Missing	3,49007353E4	
Total	1,23772000E5	
Subpopulation	8787 ^a	

a. The dependent variable has only one value observed in 2686 (99,9%) subpopulations.

Parameter Estimates

		B	Std. Error	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% Confidence	
Estudo e trabalho nominal ^a								LowerBou	UpperBou
ESTUD A_E_T RABAL HA	Intercept	.558	.190	8.584	1	.003			
	SEXO MASCULINO	.860	.024	1244.882	1	.000	2.364	2.253	2.479
	V6036	-.105	.008	160.067	1	.000	.900	.886	.915
	V6531_1000	.233	.022	112.637	1	.000	1.262	1.209	1.318
	ANOSESTUDO CHEFEDOM	.111	.004	845.013	1	.000	1.117	1.109	1.126
	CRANCA DOM	-.703	.019	1428.720	1	.000	.495	.477	.513
	grupocat chefedom maximum	.072	.010	54.558	1	.000	1.074	1.054	1.095
	DIST AED	-.033	.003	93.328	1	.000	.968	.961	.974
	NSE AED	.028	.004	63.237	1	.000	1.028	1.021	1.035
	Filho enteado resp dom	.502	.025	413.640	1	.000	1.653	1.575	1.735
SO_ES TUDA	Intercept	2,575	,214	145,385	1	,000			
	SEXO_MASCULINO	,465	,027	297,031	1	,000	1,592	1,510	1,678
	V6036	-,291	,009	949,991	1	,000	,748	,734	,762
	V6531_1000	,262	,022	144,446	1	,000	1,299	1,245	1,356
	ANOSESTUDO_CHEFEDOM	,121	,004	833,483	1	,000	1,128	1,119	1,138
	CRANCA_DOM	-,394	,020	394,327	1	,000	,675	,649	,701
	grupocat_chefedom_maximum	,184	,011	308,151	1	,000	1,203	1,178	1,228
	DIST_AED	-,016	,004	16,830	1	,000	,984	,977	,992
	NSE_AED	,052	,004	190,503	1	,000	1,053	1,045	1,061
	Filho_enteado_resp_dom	1,424	,030	2216,281	1	,000	4,152	3,913	4,406
SO_TR ABALH A	Intercept	-1,853	,158	137,543	1	,000			
	SEXO_MASCULINO	1,359	,021	4383,108	1	,000	3,892	3,738	4,051
	V6036	,110	,007	255,364	1	,000	1,116	1,101	1,131
	V6531_1000	,247	,022	130,064	1	,000	1,281	1,227	1,336
	ANOSESTUDO_CHEFEDOM	,003	,003	1,146	1	,284	1,003	,997	1,010
	CRANCA_DOM	-,223	,011	437,170	1	,000	,800	,783	,817
	grupocat_chefedom_maximum	-,012	,008	1,926	1	,165	,988	,972	1,005
	DIST_AED	-,009	,003	11,390	1	,001	,991	,986	,996
	NSE_AED	,002	,003	,349	1	,555	1,002	,996	1,008
	Filho_enteado_resp_dom	-,469	,021	520,149	1	,000	,626	,601	,651

a. The referencecategory is: NESTUDA NTRABALHA.

Jovens de 15 a 19 anos – Porto Alegre (2010)

Case Processing Summary

		N	Marginal Percentage
Estudo e trabalho nominal	ESTUDA E TRABALHA	1.2009832356133E4	17.4%
	NESTUDA NTRABALHA	9.8725335999735E3	14.3%
	SO ESTUDA	3.6406928660403E4	52.8%
	SO TRABALHA	1.0625302682209E4	15.4%
Valid		6,8914597298719E4	100,0%
Missing		3,4489425993915E4	
Total		1,0340402329263E5	
Subpopulation		3286 ^a	

a. The dependent variable has only one value observed in 2686 (99,9%) subpopulations.

Parameter Estimates

Estudo e trabalho nominal ^a		B	Std. Error	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% Confidence Interval	
								Lower Bound	Upper Bound
ESTUDA E TRABALHA	Intercept	.829	.238	12.190	1	.000			
	SEXO MASCULINO	.262	.028	88.649	1	.000	1.300	1.231	1.372
	V6036	-.142	.011	169.696	1	.000	.867	.849	.886
	V6531_1000	-.049	.009	26.626	1	.000	.952	.935	.970
	ANOSESTUDO CHEFEDOM	.083	.006	211.482	1	.000	1.087	1.074	1.099
	CRIANCA DOM	-.345	.019	321.202	1	.000	.708	.682	.736
	grupocat_chefedom_maximum	.036	.010	12.288	1	.000	1.037	1.016	1.059
	DIST_AED	.318	.046	48.030	1	.000	1.374	1.256	1.503
	NSE_AED	.147	.048	9.508	1	.002	1.158	1.055	1.271
	Filho enteado resp dom	.321	.033	96.317	1	.000	1.378	1.292	1.469
SO_ESTUDA	Intercept	11,672	,212	3020,367	1	,000			
	SEXO_MASCULINO	,109	,025	18,718	1	,000	1,115	1,061	1,171
	V6036	-,797	,010	6271,079	1	,000	,451	,442	,459
	V6531_1000	-,025	,007	12,336	1	,000	,975	,961	,989
	ANOSESTUDO_CHEFEDOM	,174	,005	1140,400	1	,000	1,190	1,178	1,202
	CRIANCA_DOM	-,309	,016	374,322	1	,000	,734	,712	,758
	grupocat_chefedom_maximum	,047	,009	25,420	1	,000	1,049	1,029	1,068
	DIST_AED	-,001	,042	,001	1	,973	,999	,920	1,084
	NSE_AED	,076	,043	3,108	1	,078	1,079	,992	1,173
	Filho_enteado_resp_dom	1,182	,032	1364,262	1	,000	3,262	3,064	3,474
SO_TRABALHA	Intercept	-7,067	,268	694,423	1	,000			
	SEXO_MASCULINO	,695	,029	561,988	1	,000	2,004	1,892	2,123
	V6036	,380	,013	921,120	1	,000	1,462	1,426	1,498
	V6531_1000	-,001	,010	,019	1	,889	,999	,979	1,019
	ANOSESTUDO_CHEFEDOM	-,034	,006	33,583	1	,000	,967	,956	,978
	CRIANCA_DOM	-,094	,018	28,110	1	,000	,910	,879	,942
	grupocat_chefedom_maximum	-,007	,011	,459	1	,498	,993	,972	1,014
	DIST_AED	,612	,047	169,647	1	,000	1,844	1,682	2,022
	NSE_AED	,094	,050	3,505	1	,061	1,098	,996	1,211
	Filho_enteado_resp_dom	-,561	,031	323,076	1	,000	,571	,537	,607

a. The reference category is: NESTUDA_NTRABALHA.

Jovens de 20 a 24 anos – Porto Alegre (2010)

Case Processing Summary

		N	Marginal Percentage
Estudo e trabalho nominal	ESTUDA E TRABALHA	1.7028106540232E4	22.2%
	NESTUDA NTRABALHA	1.0757130663281E4	14.0%
	SO ESTUDA	9.5999823614733E3	12.5%
	SO TRABALHA	3.9260589345035E4	51.2%
Valid		7,6645808910022E4	100,0%
Missing		4,1146487684180E4	
Total		1,1779229659420E5	
Subpopulation		3731 ^a	

a. The dependent variable has only one value observed in 2686 (99,9%) subpopulations.

Parameter Estimates

Estudo e trabalho nominal ^a		B	Std. Error	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% Confidence	
								LowerBou	UpperBou
ESTUDA E TRABALHA	Intercept	-1.886	.247	58.213	1	.000			
	SEXO_MASCULINO	.584	.027	477.535	1	.000	1.793	1.702	1.890
	V6036	-.014	.009	2.385	1	.123	.986	.968	1.004
	V6531_1000	.249	.015	260.535	1	.000	1.283	1.245	1.322
	ANOSESTUDO_CHEFEDOM	.135	.006	575.828	1	.000	1.145	1.132	1.157
	CRIANCA_DOM	-.589	.022	737.850	1	.000	.555	.532	.579
	grupocat_chefedom_maximum	.093	.010	89.558	1	.000	1.098	1.077	1.119
	DIST_AED	-.036	.045	.649	1	.420	.964	.883	1.053
	NSE_AED	.153	.045	11.587	1	.001	1.165	1.067	1.272
	Filho_enteado_resp_dom	-.187	.028	45.933	1	.000	.829	.786	.876
SO_ESTUDA	Intercept	-.497	.286	3,029	1	.082			
	SEXO_MASCULINO	.152	.031	24,285	1	.000	1,164	1,096	1,236
	V6036	-.218	.011	401,437	1	.000	.804	.787	.821
	V6531_1000	.234	.016	221,491	1	.000	1,263	1,225	1,303
	ANOSESTUDO_CHEFEDOM	.121	.007	332,805	1	.000	1,128	1,114	1,143
	CRIANCA_DOM	-.265	.024	123,571	1	.000	.767	.732	.804
	grupocat_chefedom_maximum	.195	.011	304,794	1	.000	1,216	1,189	1,243
	DIST_AED	.282	.052	29,003	1	.000	1,326	1,197	1,470
	NSE_AED	.656	.051	163,352	1	.000	1,926	1,742	2,130
	Filho_enteado_resp_dom	.690	.034	403,544	1	.000	1,994	1,864	2,133
SO_TRABALHA	Intercept	-2,059	.213	93,027	1	.000			
	SEXO_MASCULINO	.835	.023	1277,863	1	.000	2,306	2,203	2,414
	V6036	.144	.008	317,818	1	.000	1,155	1,137	1,174
	V6531_1000	.230	.015	224,379	1	.000	1,258	1,221	1,297
	ANOSESTUDO_CHEFEDOM	.028	.005	38,069	1	.000	1,029	1,020	1,038
	CRIANCA_DOM	-.161	.013	141,767	1	.000	.852	.829	.874
	grupocat_chefedom_maximum	-.023	.009	7,078	1	.008	.977	.960	.994
	DIST_AED	.143	.037	14,589	1	.000	1,153	1,072	1,241
	NSE_AED	-.096	.039	5,942	1	.015	.909	.842	.981
	Filho_enteado_resp_dom	-.855	.024	1297,388	1	.000	.425	.406	.446

a. The reference category is: NESTUDA_NTRABALHA.